

PERFIL NUTRICIONAL E AS PRÁTICAS ALIMENTARES DE TRABALHADORES DE UMA COOPERATIVA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS

Franciele Kohler Debus¹, Maria Cristina Zanchim¹, Ana Luisa Sant'Anna Alves¹, Valeria Hartmann¹
Cíntia Cássia Tonieto Gris¹

RESUMO

Introdução: A prevalência de sobrepeso e obesidade aumentou exponencialmente ao longo dos últimos anos no Brasil e no mundo. Esse fato está relacionado intimamente com a alimentação, constituída pelo consumo crescente de produtos ultraprocessados. Indivíduos com piores condições socioeconômicas ficam restritos a padrões alimentares menos saudáveis e variados, com menor qualidade, porém mais acessíveis em termos monetários. **Objetivo:** avaliar o perfil nutricional e as práticas alimentares de recicladores. **Materiais e métodos:** Estudo transversal, com trabalhadores, de ambos os sexos, associados de uma cooperativa de reciclagem de resíduos da cidade de Passo Fundo, RS. As características socioeconômicas e demográficas foram avaliadas através do questionário da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), as práticas alimentares foram avaliadas por meio do questionário do Guia Alimentar para a População Brasileira e o estado nutricional foi avaliado por meio de medidas antropométricas. **Resultados:** Verificou-se alta prevalência de inadequação do estado nutricional, especialmente de excesso de peso (n=32; 59,3%) e de práticas alimentares inadequadas ou de risco (n=41; 78,9%). A maioria dos entrevistados são pertencentes às classes econômicas mais baixas (n=49; 92,5%) e apresentam baixa escolaridade (n=42; 77,8%). **Conclusão:** Os resultados encontrados corroboram com as preocupações acerca do perfil nutricional da população brasileira, de excesso de peso e má alimentação. Conhecer o perfil nutricional e os fatores associados dos recicladores é essencial na adoção de estratégias que promovam alimentação de melhor qualidade, melhores condições de saúde e qualidade de vida para as populações vulneráveis.

Palavras-chave: Padrões Alimentares. Catadores de Material Reciclável. Estado Nutricional. Alimentos, Dieta e Nutrição.

ABSTRACT

Nutritional profile and eating practices of workers at a waste recycling cooperative

Introduction: The prevalence of overweight and obesity has increased exponentially over the last few years in Brazil and worldwide. This fact is closely related to food, constituted by the growing consumption of ultra-processed products. Individuals with worse socioeconomic conditions are restricted to less healthy and varied food patterns, with lower quality, but more accessible in monetary terms. **Objective:** to evaluate the nutritional profile and eating practices of recyclers. **Materials and methods:** Cross-sectional study, with workers, of both sexes, members of a waste recycling cooperative in the city of Passo Fundo, RS. Socioeconomic and demographic characteristics were assessed using the Brazilian Association of Research Companies (ABEP) questionnaire, dietary practices were assessed using the Food Guide for the Brazilian Population questionnaire, and nutritional status was assessed using anthropometric measurements. **Results:** There was a high prevalence of inadequate nutritional status, especially overweight (n=32; 59.3%) and inappropriate or risky eating practices (n=41; 78.9%). Most respondents belong to the lowest economic classes (n=49; 92.5%) and have low education (n=42; 77.8%). **Conclusion:** The results found corroborate concerns about the nutritional profile of the Brazilian population, overweight and poor diet. Knowing the nutritional profile and associated factors of recyclers is essential in adopting strategies that promote better quality food, better health conditions and quality of life for vulnerable populations.

Key words: Feeding Behavior. Waste Pickers. Nutrition Assessment. Diet, Food and Nutrition.

1 - Universidade de Passo Fundo-RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

A transição epidemiológica e demográfica, que têm ocorrido nas últimas décadas, juntamente com a transição nutricional, caracterizada por mudanças nos padrões de alimentação e nutrição e alteração do estado nutricional modificaram substancialmente o estado de saúde da população, que antes configurava desnutrição e doenças agudas, passando a consolidar a presença de excesso de peso associado às doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) (Batista Filho e colaboradores, 2008; Vasconcelos e Gomes, 2012; Conde, Silva e Ferraz, 2022).

Um estudo utilizando dados de 6 inquéritos nacionais brasileiros, que abrangeu os anos de 1975 a 2019, mostra que o Brasil segue essa tendência, onde o baixo peso não é mais uma preocupação de saúde pública, entretanto, a prevalência da obesidade aumentou exponencialmente ao longo dos anos, revelando que, atualmente, um em cada cinco homens e uma em cada quatro mulheres é obeso no Brasil (Conde, Silva e Ferraz, 2022).

O excesso de peso em adultos é caracterizado pelo Índice de Massa Corporal (IMC) igual ou maior que 25 kg/m² e está relacionado com diversos fatores modificáveis, dentre eles a alimentação, constituída pelo consumo crescente de produtos ultraprocessados em detrimento dos alimentos in natura ou minimamente processados (Baker e colaboradores, 2020).

O Guia Alimentar para a População Brasileira preconiza uma regra básica para evitar excesso de peso e DCNTs, que é preferir sempre alimentos in natura ou minimamente processados e preparações culinárias a alimentos ultraprocessados, justamente pela baixa densidade nutricional e grande quantidade de calorias que esse último grupo possui.

Além disso, práticas alimentares como adquirir alimentos in natura em mercados e feiras e prepará-lo no domicílio, optar por vegetais que estejam na safra e por orgânicos sempre que possível, dividir as tarefas relacionadas a alimentação com todos os integrantes da família e compartilhar habilidades culinárias são boas alternativas para manter uma alimentação adequada e uma boa saúde (Brasil, 2014).

É fato que optar por uma alimentação saudável não envolve apenas uma escolha

individual, ou seja, fatores externos ao indivíduo influenciam positiva ou negativamente no padrão da alimentação do sujeito (Brasil, 2014).

Ainda, sabe-se que os indivíduos com piores condições socioeconômicas ficam restritos a padrões alimentares menos saudáveis e variados, com menor qualidade, porém mais acessíveis em termos monetários, culminando em práticas alimentares inadequadas e ao maior consumo de ultraprocessados (Cunha e colaboradores, 2022).

Desta forma, conhecer o perfil nutricional e as práticas alimentares torna-se importante para a compreensão do estado de saúde do indivíduo e suas repercussões, assim como dispor de informações para possíveis intervenções.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi avaliar o perfil nutricional e as práticas alimentares de trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem de resíduos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, envolvendo adultos de ambos os sexos, trabalhadores associados de uma cooperativa de reciclagem de resíduos da cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

A coleta de dados ocorreu presencialmente por uma equipe treinada que aplicou os questionários aos participantes, em abril de 2022. Os critérios de inclusão no estudo foram ser associado na cooperativa e ter idade superior a 18 anos.

A cooperativa foi selecionada por conveniência e todos os 65 trabalhadores associados na época do estudo foram convidados a participar por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Avaliou-se as características demográficas e a classe econômica através do questionário da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2019).

Práticas alimentares foram avaliadas por meio do questionário do Guia Alimentar para a População Brasileira, validado por Gabe e Jaime (2019).

O questionário do Guia Alimentar tem como objetivo analisar práticas alimentares e conta com 24 questões sobre consumo de alimentos in natura, processados e ultraprocessados, além de bebidas açucaradas

e como e onde são realizadas as refeições, bem como a elaboração delas.

O estado nutricional foi avaliado por meio de medidas antropométricas. Foram aferidos o peso, com balança digital, e a altura, com estadiômetro.

Após calculou-se IMC dividindo-se o peso, em quilogramas (kg), pela altura, em metros, ao quadrado (m²) e este foi classificado de acordo com os pontos de corte propostos pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 1995).

Os dados foram organizados e analisados em software de estatística. Para as variáveis qualitativas foram apresentadas as frequências absolutas e relativas simples. Para as variáveis quantitativas calculou-se as medidas de tendência central e dispersão. Para as associações entre as variáveis qualitativas foi aplicado o teste Qui-quadrado de Pearson ($p < 0,05$).

O estudo foi autorizado pela cooperativa de reciclagem e aprovado pelo

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo sob parecer nº 5.320.287.

RESULTADOS

A população do estudo foi constituída por 54 indivíduos, com média de idade de 35,22 anos (DP=13,84), variando de 18 a 62 anos.

A maioria dos participantes eram do sexo feminino (63,0%), casados (44,2%), de cor parda (39,6%), com 8 anos ou menos de estudo (77,8%) e pertencentes às classes socioeconômicas D e E (92,5%) (Tabela 1).

Com relação ao estado nutricional e as práticas alimentares dos indivíduos avaliados, foi possível verificar que a maioria do grupo possui alterações na classificação IMC, com destaque ao excesso de peso (59,3%).

Somado a isso, os resultados do questionário das práticas alimentares indicaram que a alimentação estava inadequada (21,2%) ou era de risco (57,7%) na maioria dos indivíduos. As informações detalhadas estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Descrição das variáveis demográficas, socioeconômicas e de saúde de recicladores do município de Passo Fundo-RS, 2022 (n=54).

Variáveis	Categorias	n*	%
Sexo	Masculino	20	37,0
	Feminino	34	63,0
Estado civil	Solteiro	12	23,1
	Casado	23	44,2
	União Estável	15	28,8
	Divorciado	1	1,9
	Viúvo	1	1,9
Idade	18 a 29 anos	24	44,4
	30 a 39 anos	12	22,2
	40 a 49 anos	5	9,3
	50 anos ou mais	13	24,1
Cor da pele	Branco	20	37,7
	Preto	10	18,9
	Pardo	21	39,6
	Indígena	1	1,9
	Amarelo	1	1,9
Classe Socioeconômica	Classe B	1	1,9
	Classe C	3	5,7
	Classe D e E	49	92,5
Escolaridade	0 a 4 anos	19	35,2
	5 a 8 anos	23	42,6
	9 anos ou mais	12	22,2
IMC	Baixo peso	1	1,9
	Eutrofia	21	38,9
	Sobrepeso	11	20,4
	Obesidade	21	38,9
Práticas alimentares	Práticas alimentares inadequadas	11	21,2
	Práticas alimentares de risco	30	57,7
	Práticas alimentares adequadas	11	21,2

Legenda: *Consideradas das respostas válidas para cada variável.

Ao associar as variáveis econômicas e o estado nutricional com a classificação das práticas alimentares, não se observou associação estatisticamente significativa (Tabela 2).

Tabela 2 - Associação entre práticas alimentares inadequadas ou de com classe econômica e estado nutricional de recicladores do município de Passo Fundo-RS, 2022 (n=54).

Variáveis	Práticas Alimentares		p-valor*
	Inadequadas ou de risco n (%)	Adequadas n (%)	
Classe econômica	B e C 2 (66,67)	D e E 1 (33,33)	0.537
Estado nutricional	Baixo peso e eutrofia 17 (80,95)	Excesso de peso 4 (19,05)	

Legenda: *Teste qui-quadrado; *Valores significativos $p < 0,05$.

DISCUSSÃO

Verificou-se alta prevalência de inadequação do estado nutricional com maior parte dos entrevistados apresentando algum nível de excesso de peso (59,3%) e de práticas alimentares inadequadas ou de risco (78,9%).

Ainda, observou-se que os entrevistados são pertencentes às classes econômicas mais baixas e apresentam baixa escolaridade, entretanto não sendo constatada associação entre as variáveis avaliadas.

Outros estudos já relataram que uma alimentação inadequada, caracterizada pelo consumo frequente de alimentos fast food, ricos em açúcares e gorduras, e ultraprocessados como sucos industrializados, refrigerantes, guloseimas, ao invés de alimentos naturais, frescos e integrais, pode estar mais presente em populações com baixa escolaridade e menor nível econômico (Camargo e Satolo, 2018; Nardocci e colaboradores, 2019; Cunha e colaboradores, 2022).

Para Nardocci e colaboradores (2019), o maior nível de escolaridade propicia o conhecimento para melhores escolhas alimentares quando existem opções saudáveis e não saudáveis disponíveis, embora nem sempre resulte em hábitos alimentares adequados.

Nas classes mais baixas, D e E, o consumo de alimentos tende a ser menor e mais homogêneo, pois os menores orçamentos dessas famílias limitam suas escolhas, tanto em qualidade como em quantidade dos alimentos adquiridos. Já, um melhor nível socioeconômico está associado, concomitantemente, tanto a um padrão alimentar saudável, rico em frutas e verduras, como a um padrão rico em alimentos altamente calóricos e gordurosos, indicando que indivíduos com maior renda tem, novamente, a liberdade de escolha quanto à sua alimentação, refletindo na maior heterogeneidade da alimentação (Camargo e Satolo, 2018; Cunha e colaboradores, 2022).

Recente revisão realizada com diferentes populações de recicladores a nível mundial mostrou, dentre outros achados, que esse público tem pouco ou nenhum nível de escolaridade e pertence às classes econômicas mais baixas, reforçando as mesmas constatações encontradas neste estudo (Escobar-Rincon e De Arco-Canoles, 2021).

No Brasil, dados do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para

Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL) analisados por Santos e Conde (2020) identificaram maior aderência a um padrão alimentar prudente - caracterizado pelo consumo semanal e diário de hortaliças cruas e cozidas, e frutas - por indivíduos mais escolarizados (12 anos ou mais de estudo) e, em contrapartida, maior aderência a padrões alimentares menos saudáveis entre os indivíduos com menos anos de estudo.

Ainda, segundo o VIGITEL, a frequência de sobrepeso e obesidade foi semelhante em homens e mulheres, porém, para essas o maior o nível de escolaridade refletiu numa notável diminuição do excesso de peso (Brasil, 2020).

Um estudo canadense, realizado com mais de 19.000 indivíduos adultos, com 18 anos ou mais, constatou que os entrevistados com maiores níveis de escolaridade tiveram menor consumo de alimentos ultraprocessados (Nardocci e colaboradores, 2019). No continente Europeu, um menor nível educacional esteve associado a maior prevalência de obesidade (WHO, 2022).

Apesar disso, ressalta-se que maior escolaridade e nível socioeconômico não garantem a realização de práticas alimentares adequadas. Uma pesquisa brasileira, com indivíduos de ambos os sexos e idade entre 20 e 70 anos, mostrou que aqueles que tinham mais anos de estudo também referiram um padrão alimentar rico em fast food (Cunha e colaboradores, 2022).

Tal achado corrobora com um estudo feito com estudantes universitários, com mais de 12 anos de estudo, onde estes apresentaram elevado percentual de práticas alimentares de risco (52,0%) ou inadequadas (75,7%) (Barbosa e colaboradores, 2020).

Um percentual considerável da população mundial e nacional encontra-se com excesso de peso, refletindo globalmente os dados encontrados neste estudo. O relatório The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition and Climate Change, traduzido para o português - A Sindemia Global da Obesidade, Desnutrição e Mudanças Climáticas: relatório da comissão Lancet, apontou a coexistência de três pandemias: obesidade, desnutrição e mudanças climáticas, denominada de Sindemia Global, que interagem entre si e compartilham fatores sociais comuns, como por exemplo, práticas alimentares inadequadas, e por isso, influenciam-se mutuamente refletindo

na sociedade (Swinburn e colaboradores, 2019).

Recentemente, um relatório oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostrou proporções epidêmicas de sobrepeso e obesidade na Europa, agravadas pela pandemia da COVID-19, afetando quase 60% dos adultos, cerca de 8% das crianças menores de 5 anos, uma a cada três crianças em idade escolar e um a cada quatro adolescentes (WHO, 2022).

No Brasil, segundo dados do VIGITEL, o excesso de peso atinge cerca de 55,4% da população e a frequência de adultos obesos é de 20,3% (Brasil, 2020).

A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), de 2019, reforça essa informação, mostrando que mais da metade da população encontra-se com excesso de peso (60,3%) e desses quase 26% cursam com obesidade. Também é possível observar que a prevalência de excesso de peso na população adulta aumentou continuamente ao longo do período das quatro PNS (2002 a 2019) (IBGE, 2020).

Há claras evidências associando padrões alimentares, principalmente o crescente consumo de ultraprocessados, com o estado nutricional dos indivíduos.

Na Austrália, estudo com dados nacionais revelou que o maior consumo de alimentos ultraprocessados esteve associado ao maior IMC e maiores chances de ter obesidade (Machado e colaboradores, 2020).

A mesma associação foi encontrada na população canadense (Nardocci e colaboradores, 2019), norte-americana (Juil e colaboradores, 2018), britânica (Rauber e colaboradores, 2020), francesa (Beslay e colaboradores, 2020) e brasileira (Canhada e colaboradores, 2020).

Em suma, evidências consistentes relacionaram o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, característico de práticas alimentares inadequadas, com o aumento do risco de obesidade, de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) relacionadas à alimentação - como doenças cardiovasculares e metabólicas, câncer, depressão, distúrbios gastrointestinais, fragilidade em idosos - e mortalidade (Monteiro e colaboradores, 2019).

Da mesma forma, diretrizes alimentares de diversos países abordam o processamento dos alimentos e como isso afeta a natureza, a qualidade dos alimentos e,

consequentemente, a saúde da população (Brasil, 2014; Uruguai, 2016; Peru, 2019).

Em linhas gerais, a baixa escolaridade e a baixa renda têm influenciado a alimentação favorecendo práticas alimentares inadequadas (WHO, 2022; Cunha e colaboradores, 2022; Camargo e Satolo, 2018) que tendem a culminar na inadequação do estado nutricional (Brasil, 2020; Monteiro e colaboradores, 2019) contribuindo para o cenário da Sindemia Global (Swinburn e colaboradores, 2019).

Os recicladores de resíduos, embora pouco reconhecidos, desenvolvem um trabalho que gera inúmeros benefícios sociais, ambientais e econômicos (Fernanda-Tovar, 2018).

Identificar as práticas alimentares e o estado nutricional desses trabalhadores é importante para conhecer o perfil, os fatores externos e condições individuais que influenciam a sua realidade a fim de proporcionar-lhes melhores condições de saúde e qualidade de vida, principalmente a partir da criação de políticas públicas (Marchi e Santana, 2022; Escobar-Rincon e Arco-Canoles, 2021; Fernanda-Tovar, 2018).

Devido ao pequeno porte da cooperativa onde foi realizado o estudo o número de participantes foi modesto, o que, possivelmente, prejudicou a investigação de associação entre as variáveis abordadas.

Em contrapartida, apresenta notável relevância científica por investigar uma população pouco estudada em outros trabalhos, especialmente em se tratando de perfil nutricional e práticas alimentares (Escobar-Rincon e De Arco-Canoles, 2021), subsidiando assim dados para realização de novos estudos.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou a alta prevalência de inadequação do estado nutricional, com destaque ao excesso de peso, a presença de práticas alimentares inadequadas ou de risco, a baixa escolaridade e o baixo nível socioeconômico de uma população de recicladores de resíduos, corroborando com as preocupações acerca do perfil nutricional da população brasileira, onde o excesso de peso comumente associa-se às práticas alimentares consideradas pouco saudáveis.

Conhecer o perfil nutricional, as práticas alimentares, bem como fatores

externos e condições individuais dos recicladores é essencial para a compreensão do atual estado de saúde e das mudanças e repercussões que este estado pode sofrer, auxiliando profissionais de saúde e gestores públicos na adoção de estratégias que promovam uma alimentação adequada e saudável, melhores condições de saúde e qualidade de vida as populações vulneráveis. Mais trabalhos são necessários para ampliar o olhar e as discussões acerca desse tema.

REFERÊNCIAS

- 1-ABEP. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Critério de classificação econômica Brasil. p.7. 2019.
- 2-Baker, P.; Machado, P.; Santos, T.; Sievert, K.; Backholer, K.; Hadjikakou, M.; Russell, C.; Huse, O.; Bell, C.; Scrinis, G.; Worsley, A.; Friel, S.; Lawrence, M. Ultra-processed foods and the nutrition transition: Global, regional and national trends, food systems transformations and political economy drivers. *Obesity Reviews*. Vol. 21. Num.12. 2020.
- 3-Barbosa, B.C.R.; Guimarães, N.S.; Paula, W.; Meireles, A.L. Práticas alimentares de estudantes universitários da área da saúde, de acordo com as recomendações do Guia Alimentar para a População Brasileira. *DEMETERA - Alimentação, Nutrição & Saúde*. Vol. 15. 2020. p.14.
- 4-Batista Filho, M.; Souza, A. I.; Miglioli, T.C.; Santos, M.C. Anemia e obesidade: um paradoxo da transição nutricional brasileira. *Cadernos de Saúde Pública*. Vol. 24. Num. 2. 2008. p. 247-257.
- 5-Beslay, M.; Srouf, B.; Méjean, C.; Allès, B.; Fiolet, T.; Debras, C.; Chazelas, E.; Deschasaux, M.; Wendeu-Foyet, M.G.; Hercberg, S.; Galan, P.; Monteiro, C.A.; Deschamps, V.; Andrade, G.C.; Kesse-Guyot, E.; Julia, C.; Touvier, M. Ultra-processed food intake in association with BMI change and risk of overweight and obesity: A prospective analysis of the French NutriNet-Santé cohort. *PLoS Med*. Vol.17. Num. 8. 2020.
- 6-Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. 2ª edição. Brasília. 2014.
- 7-Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. *Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília. 2020.
- 8-Camargo, D.A.; Satolo, L.F. Padrões de consumo alimentar baseados no orçamento das famílias na região metropolitana de São Paulo. *Segurança Alimentar e Nutricional*. Vol. 25. Num. 3. 2018. p. 94-103.
- 9-Canhada, S.L.; Luft, V.C.; Giatti, L.; Duncan, B.B.; Chor, D.; Fonseca, M.J.M.; Matos, S.M.A.; Molina, M.C.B.; Barreto, S.M.; Levy, R.B.; Schmidt, M.I. Ultra-processed foods, incident overweight and obesity, and longitudinal changes in weight and waist circumference: the Brazilian Longitudinal Study of Adult Health (ELSA-Brasil). *Public Health Nutrition*. Vol. 23. 2020. p. 1076-1086.
- 10-Conde, W.L.; Silva, I.V.; Ferraz, F.R. Undernutrition and obesity trends in Brazilian adults from 1975 to 2019 and its associated factors. *Cadernos de Saúde Pública*. Vol. 38. Num. 1. 2022.
- 11-Cunha, C.M.L.; Canuto, R.; Rosa, P.B.Z.; Longarai, L.S.; Schuch, I. Associação entre padrões alimentares com fatores socioeconômicos e ambiente alimentar em uma cidade do Sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 27. Num. 2. 2022. p. 687-700.
- 12-Escobar-Rincón, L.P.; De Arco-Canoles, O.C. Condiciones de salud y trabajo de los recicladores de oficio: revisión de alcance. *Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública*. Vol. 38. Num. 4. 2021. p. 643-652.
- 13-Fernanda-Tovar, L. Formalización de las organizaciones de recicladores de oficio en Bogotá: reflexiones desde la economía popular. *Íconos*, Quito. Num. 62. 2018. p. 39-63.
- 14-Gabe, K.T.; Jaime, P.C. Development and testing of a scale to evaluate diet according to the recommendations of the Dietary Guidelines for the Brazilian Population. *Public Health Nutrition*. Vol. 22. Num. 5. 2019. p. 785-796.
- 15-IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional de Saúde: 2019*

- Atenção primária à saúde e informações antropométricas. Brasil, IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro. 2020.

16-Juul, F.; Martinez-Steele, E.; Parekh, N.; Monteiro, C.A.; Chang, V.W. Ultra-processed food consumption and excess weight among US adults. *British Journal of Nutrition*. Vol. 120. Num. 1. 2018. p. 90-100.

17-Machado, P.P.; Martinez-Steele, E.; Levy, R.B.; Louzada, M.L.C.; Rangan, A.; Woods, L.; Gill, T.; Scrinis, G.; Monteiro, C.A. Ultra-processed food consumption and obesity in the Australian adult population. *Nutrition & Diabetes*. Vol.10. Num. 39. 2020.

18-Marchi, C.M.D.F.; Santana, J.S. Catadores de materiais recicláveis: análise do perfil socioeconômico na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Interações*. Vol. 23. Num. 2. 2022. p. 413-422.

19-Monteiro, C.A.; Cannon, G.; Lawrence, M.; Louzada, M.L.C.; Machado, P.P. Ultra-processed foods, diet quality, and health using the NOVA classification system. *Food and Agriculture Organization of the United Nations*. 2019. p. 44.

20-Nardocci, M.; Leclerc, B.S.; Louzada, M.L.; Monteiro, C.A.; Batal, M.; Moubarac, J.C. Consumption of ultra-processed foods and obesity in Canada. *Canadian Journal of Public Health*. Vol. 110. Num. 1. 2019. p. 4-14.

21-Peru. Ministerio de Salud. Guías alimentarias para la población peruana. Lima. Instituto Nacional de Salud. 2019.

22-Rauber, F.; Martinez-Steele, E.; Louzada, M.L.C.; Millett, C.; Monteiro, C.A.; Levy, R.B. Ultra-processed food consumption and indicators of obesity in the United Kingdom population (2008-2016). *PLoS One*. Vol. 15. Num. 5. 2020.

23-Santos, I.K.S.; Conde, W.L. Tendência de padrões alimentares entre adultos das capitais brasileiras. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Vol. 23. 2020. p.13.

24-Swinburn, B.A.; Kraak, V.I.; Allender, S.; Atkins, V.J.; Baker, P.I.; Bogard, J.R.; Brinsden, H.; Calvillo, A.; Shutter, O.; Devarajan, R.; Ezzati, M.; Friel, S.; Goenka, S.; Hammond,

R.A.; Hastings, G.; Hawkes, C.; Herrero, M.; Hovmand, P.S.; Howden, M.; Jaacks, L.M.; Kapetanaki, A.B.; Kasman, M.; Kuhnlein, H.V.; Kumanyika, S.K.; Larijani, B.; Lobstein, T.; Long, M.W.; Matsudo, V.K.R.; Mills, S.D.H.; Morgan, G.; Morshed, A.; Nece, P.M.; Pan, A.; Patterson, D.W.; Sacks, G.; Shekar, M.; Simmons, G.L.; Smit, W.; Tootee, A.; Vandevijvere, S.; Waterlander, W.E.; Wolfenden, L.; Dietz, W.H. The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change: The Lancet Commission report. *Lancet*. Vol. 393. 2019. p. 791-846.

25-Uruguai. Ministerio de Salud del Uruguay. Guía Alimentaria para la Población Uruguaya. Montevideo: Ministerio de Salud del Uruguay. 2016.

26-Vasconcelos, A.M.N.; Gomes, M.M.F. Transição demográfica: a experiência brasileira. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília-DF. Vol. 21. Num. 4. 2012. p. 539- 548.

27-WHO. World Health Organization. Physical status: the use and interpretation of anthropometry. Report of a WHO Expert Committee. WHO Technical Report Series, 854 Geneve. WHO. 1995.

28-WHO. World Health Organization. European Regional Obesity Report 2022. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe. 2022.

E-mail dos autores:
174817@upf.br
cris_zanchim@upf.br
alves.als@upf.br
vhartmann@upf.br
cintiagris@upf.br

Autor correspondente:
Franciele Kohler Debus.
Rua Expedicionário Claudino Pinheiro, 151.
Centro, Carazinho-RS, Brasil.
CEP: 99500-000.

Recebido para publicação em 04/07/2023
Aceito em 14/10/2023